

Notas&Comentários

VASCO GRAÇA MOURA: 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA MATURIDADE DE UMA POÉTICA DA MELANCOLIA

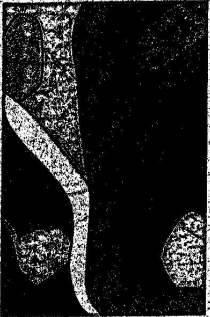
1. Há 50 anos, em edição de autor, Vasco Graça Moura (Porto, 1942) publicava o primeiro livro de poesia, *Modo Mudando* (Porto, 1963); tendo a mais recente recolha da sua obra como termo *ad quem* o título *O Caderno da Casa das Nuvens* (2010). Ao comemorar agora meio século de vida literária, preenchida por boas dezenas de títulos e perfazendo uma obra manifestamente longa e poliédrica (poesia, tradução, ensaio, ficção, teatro) — objeto das mais diversas distinções nacionais e estrangeiras —, a reedição da poesia de Vasco Graça Moura, em *Poesia Reunida*, constitui um excelente prétexto para uma breve revisitação*.

Não é a primeira vez que o poeta procede a este tipo de recolha.¹ Em nota paratextual à mencionada *Poesia Reunida*, pode ler-se o seguinte esclarecimento: «Nesta edição reúne-se a obra poética do autor publicada entre 1963-2010, com exceção de *letras do fado vulgar e mais fados & companhia*» (II, 583). No referido espírito celebrativo, é ocasião para apenas assinalar, muito sinteticamente, algumas dominantes desta criação poética extensa e multimoda².

A medida que a maturação do autor se reafirma num número importante de obras recentes, a celebração dos 50 anos de vida literária foi assinalada com a realização de dois colóquios académicos, um na Faculdade de Letras de Coimbra e outro na Universidade Fernando Pessoa, num espírito de homenagem a que se associou o Presidente da República³.

2. Entre algumas linhas dominantes desta amadurecida e fecunda obra, perpassada de «metáforas melancólicas», sobressai a apurada oficina poética, cuja destreza surge alicerçada num invejável e empático conhecimento da língua portuguesa e da história literária, em particular dos clássicos, alguns dos quais traduziu (Dante, Petrarca, Shakespeare, Racine, François Villon, Gottfried Benn, Walter Benjamin, etc.). O trabalho de tradução é importante para a solidez da própria escrita poética e da segurança oficial que lhe subjaz⁴.

Mais do que inspiração, a poesia de Vasco Graça Moura insiste na importância do domínio de uma técnica, base fundamental para a cria-



Niklas Skapinakis
Lago de Pedra XX — Série (2013)
Guache sobre papel
23 x 15,5 cm

ção: «Fio-me na questão técnica, na capacidade artesanal de produzir um texto.»⁵ Di-lo de modo repetido, em registo metapoético: «eu acredito / mas é na técnica. nunca a inspiração / me deu fosse o que fosse. nem um grito. // feito a sanguínea, prefiro-me artesão. / escrevo e rasuro, volto a escrever, repito» (I, 493). Já em outro passo, invertendo certa visão poético-retórica tradicional, se afirma: «não, o poema não é o trabalho do sono: / direi que o sono é o trabalho do poema» (I, 203).

Aliada a uma disciplinada capacidade de trabalho, e nunca enjoiando a sensibilidade ou a densidade reflexiva, esta notável «versatilidade técnica» manifesta-se, entre muitos outros aspetos, no absoluto domínio da composição métrica, estrófica e rimática; bem como no hábil recurso a formas poéticas de herança multissecular — soneto, canção, sextina, rondó, oitava, terceto, etc. —, a par das formas livres, num caso e noutro procurando mesmo processos de renovação a partir da contemporaneidade.

A dispersa, mas coerente arte poética abre *Modo Mudando* justamente com «poema», explorando metaforicamente a impureza da escrita poética, em busca da forma exata e perfeita, da imagem inesperada, do «fermento de melodia» (I, 9, 15), com um saber e mestria reconhecidos. O objetivo é aproximar-nos do «mistério das coisas», ou do «material severo da palavra» (I, 19, 23), captando-lhe a cor e o ritmo, a espessura e a sugestão; e sempre com uma cativante ductilidade e uma intensa «impressão de musicalidade».

Mais na poesia do que em outros géneros, avulta a dimensão autobiográfica, devidamente enquadrada: partindo de situações da vida (reais ou inventadas), a palavra poética alimenta-se e transfigura-as artisticamente. Neste sentido, a poesia é um modo de re-ler a vida a partir de um horizonte criativo e cultural. É, afinal, uma forma peculiar de *furiosa paixão pelo tangível*. Com efeito, um dos traços maiores da poética de Graça Moura e uma das técnicas da sua versatíllissima *ars combinatoria* materializa-se na permeabilidade ao pendor narrativo e à discursividade, sem se transformar em prosaísmo: «poesia que tende para prosa / e a recusa».

Mesmo quando o poeta parece ceder à incorporação do quotidiano, isso constitui uma forma de se reinventar, como, aliás, realça em entrevista:

Procurei explicar que o facto de haver sempre uma dimensão autobiográfica na criação literária não significa mais do que o serem assumidas, pelo autor, situações que ele propõe como tendo acontecido, mesmo que isso não se tenha verificado, ou a não ocorrência de situações que na realidade se verificaram. O autor atravessou tudo isso conscientemente, propondo uma «suspensão da descrença» aos seus leitores.⁶

E tudo para que «a poesia tenha por fim / o concreto da vida», cabendo-lhe um papel transfigurador do inexorável efémero, na senda do amado Cesário: «eu cá transformo tudo em literatura» (I, 455), desde logo compondo *poemas com pessoas*, multiplicando-se os retratos, as atmosferas recriadas e os protagonistas de diversos lances de ação — enfim, mais uma manifestação de «incontinente apetência / de incorporar mais mundo» (II, 49).

3. Depreende-se do já afirmado uma outra linha de força — a poesia de Vasco Graça Moura é saturadamente intertextual, alimentando-se no riquíssimo «pasto» de muitos modelos de um cânone ocidental, com os quais dialoga com intensidade. Dessa congenial vocação dialógica está repleta a sua poética, construindo um verdadeiro tecido textual de reminiscências de vária ordem, da citação à alusão, em frequentes jogos intertextuais desafiadores da competência literária.

Direta ou indiretamente, convoca-se ou alude-se a uma considerável plêiade de autores, portugueses e estrangeiros. Nesta e em outras matérias, é também muito revelador verificar como certas afinidades eletivas se mantêm ao longo de uma vida, constituindo na generalidade dos casos «momento lírico claro de homenagem»; tendo mesmo o poeta autoconsciência irónica dessas reiterações: «desde o primeiro livro que escrevi / que falo em Schubert, devo andar a imitar-me» (I, 51, 167). Da literatura a outras artes, numa integração cultural de linguagens, dialogando com uma imensa biblioteca afetiva, desde a antiguidade clássica aos contemporâneos, em incontáveis citações, referências e alusões. Parafrazeando Borges, Graça Moura re-cria os seus antecessores, construindo a sua família poético-literária:

Dante e Petrarca, Camões e Cesário, Lorca e Eliot, Álvaro de Campos e Drummond de Andrade, João Cabral e Jorge de Sena, Borges, Nemésio e David são nomes em que me revejo como autor. Não sou eu quem pertence à família deles, eles é que entram na família, por vezes conflituosa, que eu me construí...⁷

Entre os autores mais destacados desse intertexto sobressai Camões — citado, aludido, parafrazeado, enfim, um autor da mais íntima eleição, diante do qual são poucas todas as homenagens e infinitas *glosas e variações* (termos recorrentes), como na «redondilha dos gestos» (II, 287-9). Mesmo sabendo a distância que medeia entre o seu tempo e o nosso, há temas intemporais: «mudam-se os tempos mudam-se os lugares» (I, 128), permanecendo as angústias de um humanismo sem tempo. Afinal, ontem como hoje, tudo o tempo corrói na sua inexorável efemeridade, excetuando-se o eco do pensamento camoniano,

como se lê na mencionada elegia: «o amador a transformar-se em sombra / a coisa amada a transformar-se em cinza» (I, 138)⁸.

Com efeito, sobre toda a extensa biblioteca, assumidamente celebrativa, impera a sombra tutelar de Camões, de quem o poeta se apresenta como devotado e voraz leitor⁹. E o fecundante diálogo literário com Camões (e a própria crítica camoniana incluída, de Jorge de Sena a Aguiar e Silva) assume os mais diversos registos e cambiantes, logo a partir dos primeiros livros e como constante ao longo de décadas. Da evocação de figuras aos episódios do universo camoniano (da Dinamene ao Adamastor), Vasco Graça Moura entrega-se a sentidas e reiteradas «devoções camonianas» (I, 354).

Dentro desta dimensão — assente na ideia seminal da «memória dos livros», oscilando «entre rasuras e memórias» —, seria muito interessante descrever a rica gramática das variadas formas intertextuais, da citação à alusão, das reminiscências aos outros ecos palimpsésticos, passando pela colagem, processos de que esta poética mostra aguda consciência, por exemplo quando explicitamente se compara com pintores: «há pintores que destroem os quadros / e usam alguns bocados nas colagens / estou a fazer o mesmo a uns textos recentes»; ou quando alude à imagem de ecos especulares, mencionando Rilke: «silêncios repercutem-se e digo que esta ideia / é intertextual, extravagante» (I, 166, 197).

Fazendo dialogar autores, desde os gregos até à contemporaneidade, esta poesia é um hino celebrativo a uma tradição literária multissecular, materializada num cânone intemporal, contrariando quer as diluições de fronteiras, quer a crescente erosão ou rasura da memória destes tempos pós-modernos, em que «tudo é igual a tudo» (I, 235), num nivelamento rasteiro e amnésico. Neste contexto, e em jeito de balanço de uma vida literária, ganham sentido as declarações do poeta: «gostaria de ser recordado pelo meu apego à herança clássica e à tradição viva da grande cultura europeia de todos os tempos»¹⁰.

4. Ao mesmo tempo, o laborioso *poiein* desta poética alimenta-se da contaminação dialógica com a criação de outras artes (pintura, música, escultura, cinema, fotografia, etc.). Diante do fascínio por outras realizações artísticas, como poderia o poeta construir, verbalmente, o equivalente ao contraponto de uma fuga musical? Em entrevista, confessa o autor sobre esta peculiar relação com a música: «Li muita, preocupe-me com o *fazer* da música, cheguei a escrever textos poéticos, com partitura e uma análise musical na frente, para saber como é que Bach fazia e tentar encontrar equivalentes poéticos.»¹¹

De facto, a poética de Vasco Graça Moura também não é compreensível fora de um intenso diálogo com outras artes, da música à pintura,

do cinema à fotografia, sobretudo em processos variados de *ekphrasis* ou representação verbal de uma obra de arte. Parafraçando Baudelaire, as palavras, as cores, as sonoridades, as figuras, os volumes ou as cenas cinematográficas correspondem-se, em relações comunicantes e vibrantes. Se tudo é passível de ser dito poeticamente, mais razão assiste para o íntimo convívio da palavra poética com as diversas artes.

Neste campo, a diversidade dos diálogos artísticos é verdadeiramente enciclopédica e canónica: uma peça de Schubert ou um acorde de Chopin; um quadro de Botticelli ou de Ticiano; uma inovação de Piero della Francesca ou a *Pietà d'Avignon*; a geometria palpante, os lugares e a luminosidade de pintores como Carlos Botelho ou Ângelo de Sousa; os desenhos de Filippino Lippe, de Jorge Pinheiro ou de Bernardo Marques; os quadros de Klimt, de Picasso, de Mário Botas ou de Graça Morais; e ainda as fotografias de Gérard Castello-Lopes ou a criação de alguns realizadores cinematográficos. Os textos poéticos inspiram-se, traduzem ecfrasticamente, apresentam-se como glosas ou variações de obras de arte, como acontece exemplarmente em «o retrato de francisca matroco» (II, 108-9) ou em «écfrase, empernamientos» (II, 550-2). Enfim, também os poetas como os pintores adivinham uma forte «relação entre a cor e a palavra» (II, 184)¹².

5. Outro traço maior da poética de Graça Moura radica no recurso frequente ao humor, em formas e registos diversos. Variando os procedimentos e as intensidades, o registo humorado ou irónico, incluindo a autoironia, também se estende a outros géneros cultivados pelo autor, da ficção ao ensaio. Contudo, a apurada técnica poética e as aflorações do humor e da ironia não disfarçam um sentimento de melancolia, que atravessa as várias modulações desta obra, numa oscilação pendular entre o lírico e o irónico. Podemos vislumbrar também aqui um traço do neomaneirismo do poeta.

Estamos assim perante uma poesia onde amiúde aflora a ironia e o humor, que ocasionalmente pode ser «mordaz mordendo» (I, 35), incidindo sobre os motivos mais diversos: pormenores do quotidiano, certas «mazelas crónicas» dos portugueses, o excesso de sentimentalismo, a obsessão pelo «assomo lírico», a «martelada esperança literata», etc. Por vezes, o humor investe contra estafados estereótipos — «o camões morreu por sua pátria» (I, 74). Também tem consciência de que, muitas vezes, a «paisagem da alma» de certa escrita literária não passa de uma «convenção retórica» (I, 159). E não é necessário que o processo nos seja anunciado, gerando o natural horizonte de expectativas, como no título «sete sonetos com muito amor alguns nomes e uma certa ironia» (I, 163); nem precisa de ser destacado através de citação mais ou menos identificada — «comi uma laranja achei-a dulce et utile

/ própria da circunstância horaciana» (I, 181); ou ainda: «a crítica segundo o método da ténia» (I, 227).

A «descontração irónica» desta poética manifesta-se em inúmeras situações, em que se destacam, apenas a título de exemplo: o sarcasmo contra a pseudo-literatura, promovida pela «lógica industrial do livro» e pelas fórmulas fáceis de que resultam «indigestas representações»; porém, no meio da ignorância crescente, «a palha vende bem se for negócio / de camisas de vénus para a alma» (I, 234); «burlesca» e a visualização do filme de Godard (I, 387-9); os conselhos da avó do O'Neill (II, 10), o «comércio de cama» entre os deuses antigos (II, 12), o «soneto das barbies» (I, 530), o «humor» que invade o quotidiano (II, 38-9); a evocação de uma «emma vibratória», já «desflaubertizada» (II, 83), etc.¹³.

Nesta matéria das «metonímias do riso» (I, 188), onde pontificam as referências a Tolentino e a O'Neill, entre outras, pode vislumbrar-se uma tendência crescente para a ironia crítica e uma vaga amargura, verdadeiros «instrumentos para a melancolia», com a passagem do tempo, da vida e dos livros; mas mesmo essa sensação impressionista do leitor carece de reflexão bem mais apurada. Porém, no fluir intenso dessas «sombrias fulgurações», sobrevém a assunção de que o sentimento dominante contamina a própria atmosfera geral e multissecular: «a melancolia é uma estranha ameaça ocidental» (I, 200).

Como sugerido, a comparência do humor não esconde a onnipresença da melancolia, «la malincolínia», cuja atmosfera encerra um dos muitos textos de Graça Moura: «são representações / que dão outro sentido / à melancolia, aos vãos que há / entre as pregas do mundo, / dos sentimentos, da razão» (II, 412). Afinal, a vocação íntima desta poética é «tocar no fundo o coração das coisas» (I, 183); e ainda «tornar as coisas obscuramente claras», a fim de «ver melhor o mundo» (II, 290); ou, por outras palavras, transfigurar e vencer a morte, dando-nos a «experiência de atravessar umas dobras do mundo» (II, 9). Enfim, diante da «pobre humanal condição» (II, 541), singulariza-se uma poética perpassada pelo sedutor *chiaroscuro*, que entrelaça humor e motivos saturnianos, como se lê no terceto final de um poema: «ao fim de tudo, é uma / questão de técnica / e de melancolia» (I, 310).

José Cândido de Oliveira Martins

NOTAS

- * *Poesia Reunida*, 2 vols., Lisboa, Quetzal, 2012 [vol. 1 (1962-1997); vol. 2 (1997-2010)]. Para maior simplicidade nas referências a esta obra, usaremos apenas a numeração do volume (em romano), seguida da página.
- ¹ Já anteriormente isso acontecera, com a edição de diversos volumes: *Poesia (1963-1995)*, *Poesia (1997-2000)* e *Poesia (2001-2005)*, Lisboa, Quetzal, 2007, 2000, 2006, também com edição no Círculo de Leitores. Outros pretextos serviram para recolhidas ou celebrações poéticas — a título de exemplo, ao perfazer os 60 anos de idade, publica a *Antologia dos Sessenta Anos* (Porto, Asa, 2002); e o *Testamento de VGM* (Porto, Asa, 2001) na sequência da tradução de François Villon (cf. II, 247-71).
- ² Depois da reunião da poesia, seguiu-se um não menos apreciável volume antológico, reunindo oito dezenas e meia de textos crítico-ensaísticos das últimas duas décadas, reveladores da fecunda intervenção desta figura cimeira da cena cultural portuguesa: *Discursos Vários Poéticos* (Lisboa, Verbo, 2013), título que aparece, assumidamente, à sombra do crítico camoniano Manuel Severim de Faria.
- ³ Enquanto se aguarda a edição do volume do colóquio de Coimbra, temos já editada a obra resultante do colóquio da Universidade Fernando Pessoa: Isabel Ponce de Leão e Eduardo Paz Barroso (org.), *VGM. Cinquenta anos de vida literária de Vasco Graça Moura. Aliás: uma homenagem*, Porto, Modo de Ler, 2012.
- ⁴ Graça Moura considera, reiteradamente, que o prolongado trabalho de tradução poética integra de pleno direito o seu labor de criação literária: «Considero as minhas traduções uma extensão do meu trabalho de escritor e assino-as como tal» (*Discursos Vários Poéticos*, p. 355).
- ⁵ Como reafirma na entrevista a José Carlos de Vasconcelos e Maria Leonor Nunes, «Vasco Graça Moura, meio século de 'escritas'», *JL — Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 17 jun. 2012, p. 11.
- ⁶ «Vasco Graça Moura» [entrevista], revista *Letras Com Vida*, Lisboa, CLEPUL/Gradiva, n.º 2, 2010, p. 156. O livro *Poemas com Pessoas* [1997] encerra justamente com uma reflexão crítica intitulada «Poesia e Autobiografia», defendendo-se de uma simples transposição mimética, em nome da inquestionável ficcionalização poético-literária, ao mesmo tempo que discorre sobre algumas características da proclamada «dimensão autobiográfica» da sua escrita (cf. II, 100-4).
- ⁷ «Vasco Graça Moura», entrevista cit., p. 156.
- ⁸ Afinal, também neste domínio, a palavra poética é um lugar de consciência crítica: «o tempo é também uma criação verbal» (I, 165). E mesmo quando a mais rigorosa crítica textual coloca sérias dúvidas de atribuição de um poema a Camões, persiste uma intuição que exclama: «a moral desta história é que um verso de camões / com pouca variação é sempre um verso de camões, / é a coisa mais bela e difícil do mundo / e dá cá uma guinada tão especial que só podia ser dele» (I, 438).
- ⁹ Camões, a cuja obra poética Graça Moura consagrou também variados e importantes ensaios, em que se destaca, por exemplo, *Camões e a Divina Proporção* (1985). Em *Discursos Vários Poéticos*, numa «Resposta a um inquérito sobre Camões» (p. 482-6), traça uma breve síntese dessa matricial «sombra tutelar» de Camões, quer na sua escrita poética, quer na ensaística. Destacando-se entre as «fidelidades mais constantes» da poesia de Graça Moura, «Camões tornou-se um desafio, um vício e uma paixão» (*Discursos Vários Poéticos*, p. 478, 484).
- ¹⁰ «Vasco Graça Moura», entrevista cit., p. 149.

¹¹ Entrevista citada ao *JL*, p. 14.

¹² Este manifesto interesse de Graça Moura por outras artes não é exclusivo da escrita poética, manifestando-se em outros géneros cultivados, até ao trabalho ensaístico mais recente, como em *Diálogos com (Algumas) Imagens*. O tema faz parte da auto-consciência crítica do autor sobre a natureza e papel da éfrase na escrita poética (cf. *Discursos Vários Poéticos*, p. 490-3). Aliás, a crítica tem realçado esta importante vertente criativa da sua poética, por exemplo em ensaios de Eunice Ribeiro (cf. *VGM. Cinquenta anos de vida literária de Vasco Graça Moura. Aliás: uma homenagem*, ed. cit., p. 41-58).

¹³ Ao ser interrogado sobre a presença transversal da ironia no que tem escrito, dentro e fora da poesia, Graça Moura responde: «Precisamente porque a ironia acaba por ser uma arte de pôr tudo em questão, quando ela se instala e se põe a funcionar no poema, acentua a sua precariedade e desmente quaisquer velocidades de 'absoluto' que nele aflorem» («Vasco Graça Moura», entrevista cit., p. 156).

VASCO GRAÇA MOURA: 50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA

UM MODO VERBAL DE ESTAR NO MUNDO

O título da mais recente compilação de ensaios e críticas sobre literatura, assinada por Vasco Graça Moura, *Discursos Vários Poéticos**, é uma sintomática forma de associar à poética aquilo que mais lhe diz respeito: os assuntos da *polis*. É certo que o binómio política/poética nem sempre coloca no mesmo estatuto ou no mesmo plano de poder simbólico essas duas esferas da ação humana, culturalmente considerada. No nosso tempo, a dicotomia entre política e poética é tão evidente que tem servido o programa em curso, a saber: o do gradual esquecimento e concomitante ignorância do que caracteriza uma maneira de ser e de estar portuguesmente no mundo.

Antes de mais, estes «discursos» são sustentados por uma conceção da cultura como coisa viva e processo dinâmico, por muito que possamos alinhar com a ideia de a cultura, na sua evolução, poder ter momentos — como o atual — de crise ou de queda a que um conceito como o de «decadência» parece dar maior operatividade. Que vivemos uma crise de ideias e de valores, eis um facto incontestado. Ora, Vasco Graça Moura tem respondido com elevação e com posições públicas relativamente ao que hoje sucede em Portugal, e, não será de mais dizê-lo, essa posições revelam um pensamento em concordância com as suas palavras e as suas ações. Dir-se-ia que é contra a sensação generalizada de «decadência» que a ação cultural se abre como esperança. Vasco Graça Moura, para todos os efeitos, tem sido um dos nossos mais obstinados agentes da esperança.

Reunindo trabalhos dos últimos vinte e poucos anos, inscrevem-se estes *Discursos Vários Poéticos* na linha dos escritos intelectuais

empenhados, e para os quais estudar questões de poética é, de algum modo, inquirir sobre questões de política. Vasco Graça Moura firma as suas leituras da nossa literatura e cultura num quadro vasto e erudito, revelador duma coesão e coerência raras, mesmo quando polemizante. Irrompe, por isso mesmo, e a cada passo, não só o perfil do crítico ou do ensaísta, mas, sobretudo, o do humanista que o poeta de *Instrumentos para a Melancolia* para si tem reclamado.

Sob este prisma, trata-se de um livro que compreende a arte da palavra (seja quando disserta sobre poetas e poemas, seja quando se debruça sobre romances ou outras realizações culturais) como «um modo verbal de estar no mundo». Tal asserção traduz, nas suas possibilidades de sentido, a ideia de que estar no mundo é estar atento (como uma antena, diria Sophia) às vibrações do humano e tudo quanto o cerca. A sentença de Terêncio tem aqui toda a sua expressão, tal a profusão de temas e problemas que este volume congrega.¹ De facto, nada do que é humano será estranho ao autor deste livro que a Verbo, em boa hora, publicou. E, realce-se, esta coletânea passa a integrar um catálogo de ensaística rigorosa e exigente e de que fazem parte, entre outros, estudos marcantes sobre cultura e literatura portuguesas de autores consagrados: de Casais Monteiro (*A Palavra Essencial*) ou Esther de Lemos (sobre a poesia de Camilo Pessanha) a Jacinto do Prado Coelho, que, com esta chancela, publicou a sua tese *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*.

Nestes *Discursos Vários Poéticos* parte-se de uma premissa — a mesma que tem animado as reflexões mais profundas no que concerne ao estudo da poesia, desde Hugo Friedrich a Käte Hamburger; de Henri Meschonnic a Jean-Luc Nancy —, a de que *poiesis* é, primacialmente, um fenómeno de linguagem. Do ponto de vista humanista e ao mesmo tempo fenomenológico, a poesia será um produto que, enquanto objeto de cultura, pertence à ordem dos fenómenos humanos e, como tal, é expressão *humanista* dum fazer. Graça Moura não se exime jamais a aproximar-se dos diversos objetos de estudo segundo essa aliança, digamos assim, fenomenológico-humanista. Os autores e obras que aqui contempla estudam-se precisamente pela ótica fenomenológica do fazer literário.

As análises, as exegeses, os exames aqui propostos não são, logo, exercícios impressionistas. O leitor crítico é curioso, mas também um pensador comprometido com o fito de seduzir (*seducare*, verbo latino que reenvia para a noção de educação) quem o lê. Que esse ato de educar seduzindo se impõe em Vasco Graça Moura, seja em estudos como *Camões e a Divina Proporção* (1985), seja na sua poesia ou romance (sempre didáticos, parece-nos), é algo do domínio do truísmo. O poeta de *Modo Mudando* tem sabido, no seu ecletismo, pensar a cultura a que pertence, refletindo também sobre a sua própria existência no mundo e,